

Haruki Murakami

underground

Tradução de
Susana Serras Pereira

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVI

ÍNDICE

© 2006, Edições tinta-da-china, lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

© 1997, 1998, Haruki Murakami

Título original: *Andaguraundo* (1.ª parte);
Yakusoku sareta basbo de (2.ª parte)
Autor: Haruki Murakami
Tradução: Susana Serras Pereira
Revisão: Ana Murteira
Capa: Vera Tavares
Composição: Vera Tavares

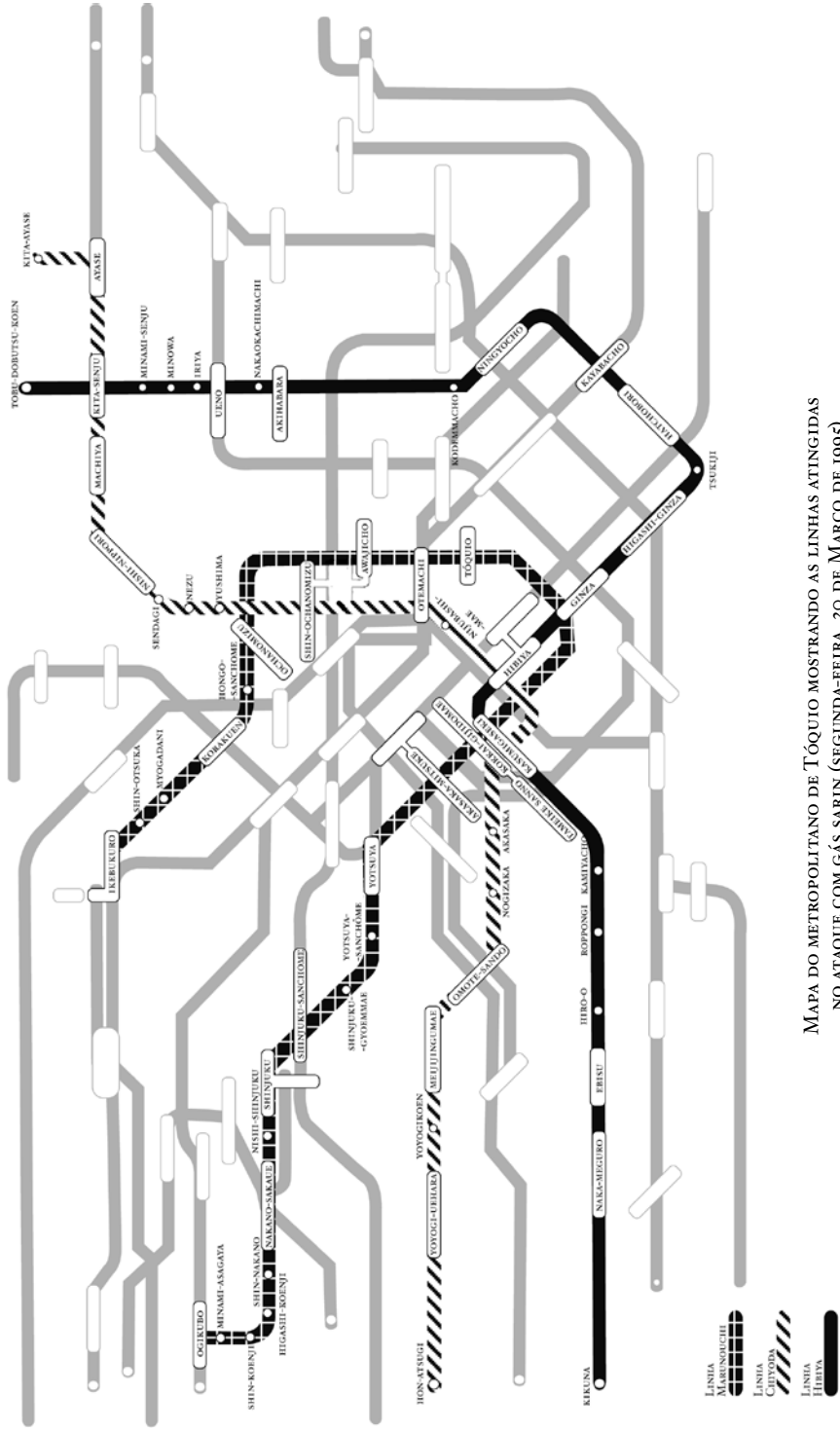
1.ª edição: Novembro de 2006

ISBN 972-8955-16-2
Depósito Legal n.º ????????

PARTE I Underground

PREFÁCIO	13
METROPOLITANO DE TÓQUIO	
LINHA CHIYODA	21
KIYOKA IZUMI: <i>Não havia ninguém a lidar calmamente com a situação.</i>	27
MASARU YUASA: <i>Tenho estado aqui desde que vim para este emprego.</i>	37
MINORU MIYATA: <i>Nessa altura, Takabashi ainda estava vivo.</i>	45
TOSHIAKI TOYODA: <i>Eu não sou uma vítima do sarin, eu sou um sobrevivente.</i>	51
TOMOKO TAKATSUKI: <i>Nem sequer é uma questão de usar ou não o metropolitano, só de sair de casa fico com medo.</i>	63
MITSUTERU IZUTSU: <i>No dia a seguir ao ataque com gás, pedi o divórcio à minha mulher.</i>	69
AYA KAZAGUCHI: <i>Felizmente, estava a dormir.</i>	75
HIDEKI SONO: <i>Toda a gente adora um bom escândalo.</i>	79
METROPOLITANO DE TÓQUIO	
LINHA MARUNOUCHI (DESTINO: OGIBUKO)	85
MITSUO ARIMA: <i>Senti-me como se estivesse a assistir a um programa na televisão.</i>	91
KENJI OHASHI: <i>Olhando para trás, tudo começou porque o autocarro estava adiantado dois minutos.</i>	95
SOICHI INAGAWA: <i>Nesse dia, e nesse dia apenas, entrei pela primeira porta.</i>	105
SUMIO NISHIMURA: <i>Se eu não estivesse lá, outra pessoa qualquer teria apanhado os pacotes.</i>	109
KOICHI SAKATA: <i>Eu estava cheio de dores, mas ainda assim fui comprar o leite, como de costume.</i>	117

«TATSUO AKASHI»: <i>Na noite anterior ao atentado, ao jantar, a família dizia: «Meu Deus, como somos uma família com sorte.»</i>	121	METROPOLITANO DE TÓQUIO	
«SHIZUKO AKASHI»: <i>Ii-yu-nii-an [Disneylândia]</i>	131	ESTAÇÃO DE KODEMMACHO	247
METROPOLITANO DE TÓQUIO		KEN'ICHI YAMAZAKI: <i>Eu vi a cara dele e pensei: «Já vi este tipo em algum lugar...»</i>	249
LINHA MARUNOUCHI (DESTINO: IKEBUKURO)	141	YOSHIKO WAD: <i>Ele era uma pessoa tão boa. E pareceu ficar ainda mais bondoso antes de morrer.</i>	259
SHINTARO KOMADA: <i>«Que será aquilo?», pensei.</i>	147	KICHIRO WADA E SANAÉ WADA: <i>Ele não era um filho exigente.</i>	273
IKUKO NAKAYAMA: <i>Eu sabia que se tratava de sarin.</i>	153	KOICHIRO MAKITA: <i>Sarin! Sarin!</i>	281
METROPOLITANO DE TÓQUIO		DR. TORU SAITO: <i>A primeira coisa que me veio à cabeça foi: «Gás venenoso... Então deve ser cianeto ou sarin.»</i>	289
LINHA HIBIYA (COM PARTIDA EM NAKA-MEGURO)	161	DR. NOBUO YANAGISAWA: <i>No Japão, não existe um sistema rápido e eficiente para lidar com uma catástrofe de grandes dimensões.</i>	295
HIROSHIGE SUGAZAKI: <i>E se nunca visses a cara do teu neto?</i>	167		
KOZO ISHINO: <i>Eu tinha alguns conhecimentos sobre o sarin.</i>	175	PESADELO CEGO — PARA ONDE VAMOS NÓS, OS JAPONESES?	301
MICHAEL KENNEDY: <i>Eu só gritava: «Por favor, por favor, por favor!» em japonês.</i>	181		
YOKO IIZUKA: <i>Essa espécie de medo é algo que nunca se esquece.</i>	187		
METROPOLITANO DE TÓQUIO		PARTE II	
LINHA HIBIYA (PARTIDA: KITA-SENJU/DESTINO: NAKA-MEGURO)	193	O Lugar Prometido	
NOBURO TERAJIMA: <i>Tinha pedido um empréstimo para dar entrada para a casa e a minha mulher estava grávida — as perspectivas eram péssimas.</i>	199	PREFÁCIO	327
MASANORI OKUYAMA: <i>Numa situação daquelas os serviços de emergência não são uma grande ajuda.</i>	205	HIROYUKI KANO: <i>Ainda pertenço à Aum.</i>	333
MICHIAKI TAMADA: <i>Quando se viaja de comboio todos os dias sabe-se como é o ar normal.</i>	209	AKIO NAMIMURA: <i>Nostradamus teve uma grande influência na minha geração.</i>	349
METROPOLITANO DE TÓQUIO		MITSU HARU INABA: <i>Cada pessoa tem a sua imagem individual do Mestre.</i>	363
LINHA HIBIYA	215	HAJIME MASUTANI: <i>Era como uma experiência de laboratório, mas com seres humanos.</i>	379
TAKANORI ICHIBA: <i>Algum maluquinbo que provavelmente andou para aí a espalhar pesticidas, ou coisa parecida.</i>	217	MIYUKI KANDA: <i>Na minha vida anterior fui um homem.</i>	393
NAOYUKI OGATA: <i>Não vamos conseguir salvar-nos. Se ficarmos à espera da ambulância estamos feitos.</i>	223	SHINICHI HOSOI: <i>Se ficar aqui, vou morrer.</i>	409
MICHIRU KONO: <i>Seria patético morrer desta maneira.</i>	231	HARUMI IWAKURA: <i>Asabara tentou obrigar-me a ter relações com ele.</i>	427
KEI'ICHI ISHIKURA: <i>No dia do ataque com gás eu fazia 65 anos.</i>	239	HIDETOSHI TAKAHASHI: <i>Por mais grotesca que a figura de Asabara possa ser, não posso simplesmente desprezá-lo.</i>	441
		POSFÁCIO	455



MAPA DO METROPOLITANO DE TÓQUIO MOSTRANDO AS LINHAS ATINGIDAS NO ATAQUE COM GÁS SARIN (SEGUNDA-FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1995)

PARTE I Underground

PREFÁCIO¹

Uma tarde, ao folhear uma revista, dei por mim a olhar para a página dedicada às cartas dos leitores. Na verdade, já não me consigo lembrar bem porquê; é provável que estivesse a matar o tempo. Raramente pego no *Jornal da Dona de Casa* ou em coisas assim, e muito menos me dedico a ler a secção das cartas dos leitores.

No entanto, houve uma carta que me chamou a atenção. Era de uma mulher cujo marido tinha perdido o emprego por causa do ataque com gás, em Tóquio. Passageiro diário do metropolitano, tinha tido a infelicidade de estar a caminho do emprego numa das carruagens em que foi libertado o gás sarin². Tinha desmaiado e foi levado para o hospital. Mas mesmo depois de vários dias de convalescença, os efeitos secundários persistiam e ele não foi capaz de retomar a sua rotina profissional. No princípio, a sua condição era tolerada, mas à medida que o tempo passava o patrão e os colegas começaram a fazer comentários sarcásticos. Incapaz de suportar por mais tempo aquele gélido ambiente de trabalho, sentindo-se quase como que forçado a sair, demitiu-se.

A revista acabou por desaparecer, por isso não posso citar a carta literalmente, mas era mais ou menos isso que dizia. Tanto quanto me lembro, não tinha um tom particularmente queixoso, nem tão-

¹ Gostaria de deixar claro que adoptei algumas ideias, úteis na elaboração deste livro, que encontrei nas obras de Studs Terkel e de Bob Greene (n. do a.).

² O sarin é um gás que ataca o sistema nervoso, inventado por cientistas alemães nos anos trinta e incluído nos preparativos de Adolf Hitler para a Segunda Guerra Mundial. Durante os anos oitenta, o gás foi usado com consequências letais no Iraque, tanto na guerra contra o Irão como contra os curdos. Vinte e seis vezes mais letal do que o cianeto, uma gota de sarin do tamanho da cabeça de um alfinete é suficiente para matar uma pessoa (n. da t.).

-pouco era um grito de raiva. Era, se tanto, um resmungo sussurrado, quase inaudível. «Como raio é que isto nos foi acontecer a nós...?», perguntava a mulher, ainda incapaz de aceitar o que se abatera, sem aviso, sobre a sua família.

A carta chocou-me. Estas eram pessoas em quem se mantinham graves cicatrizes psicológicas. Senti pena, verdadeiramente, embora soubesse que a minha pena era irrelevante para o casal em questão. E no entanto, que mais podia eu fazer?

Como a maior parte das pessoas certamente fez, limitei-me a virar a página com um suspiro.

Mas, algum tempo depois, dei por mim a pensar na carta. Aquele «Como raio é que isto...?» instalou-se na minha cabeça, como um enorme ponto de interrogação. Como se não bastasse ter sido vítima de uma violência puramente aleatória, o homem sofrera «uma vitimização secundária» (violência quotidiana vivida numa empresa, do tipo mais insidioso). Por que razão é que ninguém podia fazer nada contra aquilo? Foi então que comecei a juntar os pedaços de uma imagem muito diferente.

Qualquer que tivesse sido a razão pela qual os colegas tinham discriminado este jovem assalariado³ — «olha, ali está o tipo daquele ataque estranho» —, para ele aquilo não podia fazer qualquer sentido. Provavelmente nem sequer se apercebeu da atitude *ele-e-nós* dos colegas. As aparências eram enganadoras. É natural que se considerasse um japonês genuíno, igual a qualquer outro.

Comecei a sentir curiosidade em saber mais sobre a mulher que escrevera aquela carta sobre o marido. Pessoalmente, tinha vontade de investigar mais a fundo como tinha a sociedade japonesa sido capaz de perpetrar uma dupla violência deste calibre.

Pouco tempo depois, decidi entrevistar os sobreviventes do atentado.

*

³ No Japão, a designação *assalariado* corresponde à actividade de empregado de escritório (n. da t.).

As entrevistas foram conduzidas durante quase um ano, do início de Janeiro ao fim de Dezembro de 1996. A maior parte das sessões durou uma ou duas horas, mas algumas chegaram a durar quatro horas. Gravei tudo.

As gravações foram depois transcritas, o que naturalmente gerou uma quantidade imensa de texto, a maior parte do qual se desviava, numa direcção ou noutra, perdendo-se completamente o fio à meada, mas regressava depois à questão central. Ou seja, exactamente como as pessoas falam no dia-a-dia. Esse texto foi cortado, reordenado ou modificado, nas situações em que tal era necessário para o tornar mais legível; foi, de um modo geral, trabalhado até se transformar num manuscrito de que pudesse resultar um livro de tamanho aceitável. Por vezes, quando tinha a sensação de que faltava algo no texto transcrito, tinha de voltar a ouvir a gravação original.

Houve apenas uma ocasião em que alguém recusou a gravação da sua entrevista. Embora eu tivesse mencionado previamente ao telefone que iria gravar a entrevista, quando tirei o gravador do meu saco o entrevistado alegou que não tinha sido avisado de que iria haver gravação. Passei as duas horas seguintes a anotar nomes e números, e mais algumas horas a escrever a entrevista de memória assim que voltei para casa. (Lembro-me de me sentir bastante impressionado com o facto de a minha memória, em nada sobre-humana, me ter permitido reproduzir toda uma conversa a partir de meia dúzia de anotações — um feito, sem dúvida, absolutamente banal para um entrevistador profissional, mas que para mim era uma novidade absoluta.) Afinal, acabei por não obter autorização para incluir aquela entrevista no livro, portanto todo o meu esforço foi em vão.

Dois assistentes meus, Setsuo Oshikawa e Hidemi Takahashi, ajudaram-me a descobrir os entrevistados. Utilizámos dois métodos: procurar em todas as fontes da comunicação social listagens de «vítimas do ataque com gás de Tóquio; ou então passar a palavra perguntando se alguém conhecia pessoas que tivessem sido gaseadas. Para ser sincero, isto acabou por se revelar mais complicado do que eu esperava. Dissera a mim mesmo que, com tantos passageiros no metropolitano de Tóquio nesse dia, seria fácil encontrar testemunhos;

afinal de contas, durante o julgamento não houvera qualquer proibição legal formal quanto a «testemunhos para o exterior», excepto no que tocava às investigações do tribunal ou da polícia. Estas instituições tinham o dever de proteger a privacidade das pessoas, tal como acontecia com os hospitais. Para começar, tudo o que conseguimos foram as listas, publicadas nos jornais, das pessoas hospitalizadas no dia do ataque. E apenas nomes; nem moradas nem números de telefone.

Acabámos, não sei bem como, por conseguir uma lista com 700 nomes, dos quais apenas 20 por cento eram passíveis de identificação. Como é que se vai descobrir um «Ichiro Nakamura» — o equivalente japonês de um «José Silva»? Mesmo quando conseguimos contactar as cerca de 140 pessoas cujas identificações pudemos confirmar, elas normalmente recusavam ser entrevistadas, dizendo: «Prefiro esquecer toda essa história.», ou «Não quero ter nada a ver com a Aum.», ou «Não confio nos *media*.» Não consigo dizer-vos quantas vezes as pessoas nos desligaram o telefone na cara, assim que se falou de publicação. Como resultado, apenas cerca de 40 por cento dos 140 nomes acederam a ser entrevistados.

Após a detenção dos principais membros da seita Aum, o número de pessoas com medo de represálias diminuiu, mas ainda assim as recusas continuaram: «Os meus sintomas não são assim tão graves, não vale a pena prestar declarações.» Ou, o que aconteceu em mais de um caso, os próprios sobreviventes estavam dispostos a ser entrevistados mas as famílias não: «Não nos comprometam a todos.» Estavam também indisponíveis os testemunhos dos funcionários públicos e dos funcionários de instituições financeiras.

Por razões de ordem prática, há ainda um número relativamente pequeno de entrevistas a mulheres, em parte porque foi mais difícil encontrá-las apenas pelo nome. As jovens solteiras no Japão — isto é uma mera conjectura da minha parte — não gostam de ser abordadas por estranhos que fazem demasiadas perguntas. Apesar disso, houve algumas mulheres que corresponderam ao pedido de entrevista «apesar da oposição da família».

Assim, havendo milhares de vítimas, só encontrámos 60 pessoas que aceitaram ser entrevistadas, e mesmo esse resultado só pôde ser atingido através de uma enorme dedicação.

Durante o processo de edição das entrevistas escritas, foram enviados rascunhos dos textos aos entrevistados para que verificassem os factos. Anexeixei a cada rascunho uma nota, na qual pedia que me informassem se houvesse alguma coisa que «não desejassem ver impressa» e me dissessem de que modo deveriam ser alterados ou cortados os conteúdos. Quase todos solicitaram mudanças ou cortes e eu cumpri as suas indicações. Muitas vezes, o material perdido havia lançado luz sobre pormenores da vida dos entrevistados, pormenores esses que eu, como escritor, lamentava perder. Ocasionalmente, respondia-lhes com o envio de uma contraproposta para sua aprovação. Algumas entrevistas chegaram a fazer cinco viagens, para cá e para lá. Houve um esforço máximo para evitar qualquer espécie de sensacionalismo, típico dos *media*, que pudesse deixar os entrevistados insatisfeitos, a abanar a cabeça dizendo: «Não era assim que isto devia aparecer.», ou «Você traiu a minha confiança.» Foi um processo moroso.

Depois de todas estas orquestrações delicadas e laboriosas, ficámos com um total de 62 entrevistas. No entanto, como já referi, duas entrevistas, ambas testemunhos muito incisivos e reveladores, foram retiradas à última hora. Abandonar os textos acabados, nessa altura já tardia do processo, fez-me sentir como se estivesse a retalhar pedaços da minha própria carne, mas «Não» significa «Não», sobretudo quando tínhamos tornado claro à partida que fazíamos questão de respeitar cada uma destas vozes.

Posto de outra maneira, cada frase deste livro é uma contribuição completamente voluntária. E, como que numa espécie de confirmação final — sinto-me muito feliz e grato por poder dizê-lo —, quase todos acederam a usar o seu nome verdadeiro, o que confere um impacto incalculavelmente maior às palavras: as palavras *deles*, a raiva *deles*, as acusações a que *eles* foram sujeitos, os sofrimentos *deles*... (e não pretendo com isto diminuir o valor do contributo dos poucos que, por uma qualquer razão pessoal, adoptaram pseudónimos).

No início de cada entrevista, eu pedia aos entrevistados que me falassem sobre a sua história — onde tinham nascido, como era a sua família e o seu trabalho (sobretudo o seu trabalho) —, para poder

dar a cada um deles um «rostro», para os tornar visíveis. Não queria uma colecção de vozes sem corpo. Talvez seja por deformação profissional, do meu trabalho como romancista, mas interesse-me menos, por assim dizer, pela visão geral do que pela humanidade concreta, irreduzível de cada indivíduo. É possível, portanto, que tenha dedicado uma parte desproporcionada de cada uma das entrevistas de duas horas a pormenores aparentemente irrelevantes, mas o que eu queria era assegurar-me de que os leitores teriam uma percepção clara de cada *personagem* que fala. Grande parte desta dimensão adicional não chegou, evidentemente, à versão publicada.

Os *media* japoneses bombardearam-nos com tantos perfis dos criminosos da seita Aum — os *atacantes* —, formando uma narrativa tão polida e sedutora, que o cidadão comum — a *vítima* — se tornou quase num acessório. A *testemunha A* era apenas vislumbrada de passagem. Eram muito raros os casos em que se apresentava uma narrativa *menor* de um modo que nos chamasse a atenção. As poucas histórias que conseguiram passar foram integradas num contexto de repetição de fórmulas. A intenção dos nossos *media* era provavelmente a de criar uma imagem colectiva do *japonês inocente, em sofrimento*, o que é muito mais facilmente conseguido quando não se tem de lidar com pessoas reais. Além disso, a dicotomia clássica dos *vilões feios* (com rosto) contra o *povo são* (sem rosto) dá uma história muito melhor.

E era por isso que eu queria, na medida do possível, afastar-me das fórmulas: reconhecer que cada uma das pessoas que estavam no metro, naquela manhã, tinha uma cara, uma vida, uma família, esperanças e medos, contradições e dilemas — e que todos esses factores tinham um lugar na tragédia.

Uma vez descoberta a pessoa real, podia então desviar o foco da minha atenção para os acontecimentos em si mesmos. «Como foi então esse dia, para si?», «O que é que viu/experimentou/sentiu?» e, se me parecesse apropriado, «De que maneira sofreu (física ou mentalmente) por causa do ataque com gás?», ou ainda, «Esses problemas persistiram?»

O grau de sofrimento infligido pelo atentado em Tóquio variou consideravelmente de pessoa para pessoa. Algumas escaparam sem

sofrer, de facto, muito; outras, menos afortunadas, morreram ou estão ainda a ser tratadas devido a graves problemas de saúde. Muitas não sentiram quaisquer sintomas significativos, na altura, mas desenvolveram desde então doenças relacionadas com *stress* pós-traumático.

Entrevistei todos, mesmo que tivessem sido pouco afectados pelo gás sarin. Naturalmente, os que escaparam com lesões relativamente menores tinham conseguido regressar à vida quotidiana mais depressa, mas também eles tinham as suas histórias para contar. Os seus medos, as suas lições. Neste sentido, não pratiquei qualquer tipo de *triagem* editorial.

Não podemos ignorar uma pessoa simplesmente porque exhibe *sintomas menores*. Para todos os que estiveram envolvidos no ataque, 20 de Março tornou-se um dia pesado e brutal.

Além disso, estava convencido de que precisávamos de um retrato verdadeiro de todos os sobreviventes, seriamente traumatizados ou não, para conseguir obter uma imagem mais nítida de todo o incidente. Deixo-lhe a si, leitor, a possibilidade de ouvir e depois julgar. Não, ainda antes disso peço-lhe que imagine.

A data é 20 de Março de 1995. Está uma bela e límpida manhã de Primavera. Ainda se faz sentir uma brisa fria e as pessoas andam agasalhadas, de casaco. Ontem foi domingo, amanhã celebra-se o Equinócio da Primavera, é feriado nacional. Ensanduichado no meio do que deveria ter sido um fim-de-semana longo, está provavelmente a pensar «Quem me dera não ter de ir trabalhar hoje.» Mas não tem tal sorte. Levanta-se à hora do costume, lava-se, veste-se, toma o pequeno-almoço e dirige-se à estação de metro mais próxima. Entra para a carruagem, apinhada como de costume. Nada de anormal. O dia promete ser um dia perfeitamente igual a todos os outros dias. Até ao momento em que cinco homens disfarçados direccionam os seus guarda-chuvas de pontas afiadas para o chão da carruagem, perfurando uns sacos de plástico cheios de um líquido estranho...

dos seus guarda-chuvas libertaram enxames de INKlings sob as ruas de Tóquio. O mero pensamento, por mais simplista que seja, é suficiente para me encher de temor. E, no entanto, tenho de o dizer em voz alta: eles nunca deviam ter feito o que fizeram. Fosse qual fosse o motivo.

PARTE II

O Lugar Prometido

PREFÁCIO

Um velho acordado na sua própria morte

Este é o lugar que me prometeram
quando adormeci,
que me foi roubado quando acordei.

Este é o lugar por todos desconhecido,
onde os nomes dos navios e das estrelas
vagueiam para longe.

As montanhas já não são montanhas;
o sol não é o sol.
É fácil esquecer como era;

Vejo-me a mim, vejo
a margem da escuridão na minha frente.
Em tempos fui inteiro, em tempos fui jovem...

Como se isso agora importasse
e me pudesses ouvir
e o tempo deste lugar alguma vez parasse.

MARK STRAND

Quando escrevi *Underground*³², foi para mim uma questão de princípio evitar ler artigos e reportagens sobre a Aum. Coloquei-me, na medida do possível, na mesma situação em que as vítimas do ataque se encontraram nesse dia: totalmente apanhadas de surpresa por uma força letal e desconhecida.

Por esta razão, excluí deliberadamente de *Underground* todos os pontos de vista da Aum. Receava que isso só servisse para afastar o livro do seu foco. Eu queria evitar acima de tudo o tipo de abordagem insípida, que tenta acompanhar o ponto de vista dos dois lados.

Por causa disso, *Underground* foi criticado por algumas pessoas como sendo parcial, mas eu tinha, afinal de contas, colocado intencionalmente a minha câmara num ponto fixo. O que eu procurava era um livro que aproximasse o leitor dos entrevistados (contudo, isto nem sempre quer dizer que se está do seu lado). Queria um livro que fizesse sentir o que essas pessoas sentiram, pensar o que elas pensaram. Isto não quer dizer que me esquecesse completamente do significado social da Aum Shinrikyo.

Depois de *Underground* ter sido publicado, e de terem acalmado determinadas repercussões dos acontecimentos, surgiu-me de repente a questão: «O que era a Aum Shinrikyo?» Afinal, *Underground* tinha sido uma tentativa de restaurar um sentido de equilíbrio naquilo que eu considerava ser um relato enviesado. Quando o pó assentou, tive

³² No Japão, a Parte II desta edição foi publicada depois de *Underground*, que corresponde à Parte I (n. da t.).

de questionar-me se teríamos recebido relatos verdadeiros e exactos do lado da história da Aum.

Em *Underground*, Aum Shinrikyo era como que uma ameaça não identificada — uma «caixa negra», se quiserem — que subitamente, vinda do nada, assaltou o quotidiano. Agora, a meu modo, queria forçar a fechadura dessa caixa e conseguir vislumbrar o que ela continha. Comparando e contrastando esses conteúdos reunidos em *Underground*, esperava alcançar uma compreensão ainda mais profunda.

Fui também motivado por uma forte sensação de medo, de que ainda não tivéssemos sequer começado a enfrentar, quanto mais a solucionar, qualquer das questões fundamentais que surgiram do ataque com gás. Mais especificamente, para as pessoas que se encontram fora do sistema dominante da sociedade japonesa (os jovens, em particular) não existe qualquer alternativa eficaz ou qualquer *rede de segurança*. Enquanto este vazio crucial existir na nossa sociedade, como uma espécie de buraco negro, mesmo que a Aum tenha sido suprimida, surgirão outros campos de força magnéticos — grupos «como a Aum» — e acontecerão inevitavelmente incidentes semelhantes.

Antes de ter começado a trabalhar em *O Lugar Prometido* sentia-me inquieto; agora que o acabei tenho um sentimento ainda mais forte de premonição. Nem sempre foi fácil encontrar vítimas do ataque dispostas a serem entrevistadas e, por diferentes razões, também não foi uma tarefa fácil encontrar membros da Aum Shinrikyo, ou mesmo antigos membros, para entrevistar. Que tipo possível de critérios se deveria utilizar para escolher os entrevistados? Como se poderia chegar a uma amostra representativa? E quem poderia dizer se era verdadeiramente representativa? Também estava preocupado com a possibilidade de, mesmo que pudéssemos encontrar tais pessoas e ouvir as suas histórias, elas acabarem por não passar de um monte de propaganda religiosa. Seríamos capazes de interagir de maneira significativa?

A equipa editorial da revista *Bungei Shunju*, onde estas entrevistas foram publicadas pela primeira vez, encontrou antigos e actuais membros da Aum para que eu pudesse falar com eles. Em geral,

as entrevistas seguiram o mesmo estilo e formato das realizadas para *Underground*. Decidi ser tão indulgente quanto possível e deixar que os entrevistados falassem durante o tempo que quisessem. Cada entrevista durou três a quatro horas. As cassetes foram transcritas, e pediu-se depois a cada entrevistado que lesse o manuscrito. Poderiam omitir as partes que, depois de reflectirem, não queriam ver impressas, e acrescentar afirmações que pensavam ser importantes e que se tinham esquecido de fazer durante a entrevista. Quando finalmente obtive a permissão de cada um deles, a entrevista foi publicada. Tanto quanto possível, pretendia usar os seus nomes verdadeiros, mas, frequentemente, uma das condições para se realizar a entrevista era de que não fosse dada qualquer indicação adicional, quando era utilizado um pseudónimo.

Em geral, foram poucas as tentativas para verificar se os testemunhos eram ou não factualmente exactos, a não ser quando contrariavam obviamente factos conhecidos. Algumas pessoas poderão levantar objecções quanto a isto, mas o meu trabalho era ouvir o que as pessoas tinham a dizer e registá-lo tão claramente quanto possível. Mesmo que existam alguns pormenores inconsistentes com a realidade, a narrativa colectiva destas histórias pessoais possui uma poderosa realidade própria. Isto é algo de que os romancistas estão agudamente conscientes, e é por essa razão que considero que este era um trabalho apropriado para um romancista.

No entanto, as entrevistas em *Underground* e as que foram aqui coligadas não seguem exactamente o mesmo formato. Desta vez, interrompi-as frequentemente com as minhas próprias objecções, dei voz às minhas dúvidas, e chego mesmo a debater vários pontos. Em *Underground* tentei passar despercebido tanto quanto possível, mas aqui decidi participar mais activamente. Por vezes, por exemplo, a conversa começou a desviar-se demasiado na direcção do dogma religioso, o que considerei inadequado.

Não me considero nem de longe um perito em religiões, nem um sociólogo. Nada mais sou do que um simples, e não muito apurado, romancista. (Não se trata de falsa modéstia, como muitos poderão testemunhar.) O meu conhecimento da religião não é muito mais do

que amador, por isso não teria grande hipótese de defender o meu ponto de vista se entrasse na arena do debate doutrinal com um qualquer crente devoto.

Esta era a minha preocupação quando comecei as entrevistas, mas decidi não deixar que isso se tornasse um entrave. Quando não compreendia algo, continuava em frente e expunha a minha ignorância; quando pensava que a maioria das pessoas não iria aceitar um certo ponto de vista, questionava-o. Não estou a dizer isto apenas para me defender ou para mostrar como sou corajoso. Queria ter tempo para clarificar os termos e as ideias básicas, para dizer: «Espere um segundo. O que significa isso?» mais importante do que acenar simplesmente com a cabeça e deixar passar muitos dos termos técnicos.

A um nível básico, do senso comum, conseguimos fazer-nos entender, e sinto que fui capaz de compreender as ideias básicas que os entrevistados tentavam transmitir. (Se as aceito ou não é outra história.) Isto era mais do que suficiente, tendo em conta o tipo de entrevista que eu queria fazer. Analisar em profundidade o estado mental do entrevistado, avaliar as justificações éticas e lógicas das suas posições, etc., não faziam parte dos objectivos que tinha estabelecido para este projecto. Deixo aos peritos um estudo mais aprofundado das questões religiosas que foram levantadas e do seu sentido social. O que tentei apresentar aqui foi o modo como estes seguidores da Aum se apresentam numa conversa vulgar, cara a cara.

Mas falar com eles tão intimamente permitiu-me perceber como são semelhantes, ainda que não iguais, a sua demanda religiosa e o processo de escrita do romance. À medida que os ia entrevistando, este facto despertou o meu interesse pessoal e foi também por isso que por vezes senti uma espécie de irritação.

Sinto uma raiva indelével em relação aos membros da Aum que estiveram envolvidos no atentado com gás — tanto os que estão presos como os que estiveram envolvidos de outras maneiras. Conheci algumas das vítimas, muitas das quais continuam a sofrer, e eu mesmo vi aqueles cujas pessoas queridas lhes foram roubadas para sempre. Lembrar-me-ei disso enquanto for vivo; quaisquer que sejam os motivos ou as circunstâncias, um crime como este não pode nunca ser perdoado.

Não obstante, as opiniões dividem-se quanto à extensão do envolvimento da totalidade da organização da Aum Shinrikyo no ataque. Neste ponto, deixo todo e qualquer juízo de valor para o leitor. Não decidi fazer estas entrevistas a actuais e antigos membros da seita para os criticar ou para os denunciar, nem sequer na esperança de que as pessoas os olhassem a uma luz mais positiva. O que estou a tentar transmitir com este livro é exactamente o mesmo que esperava transmitir em *Underground* — não um ponto de vista claro, mas sim material, de *carne e osso*, a partir do qual se possam construir pontos de vista múltiplos; e esse é o mesmo objectivo que tenho em mente quando escrevo romances.

Enquanto romancista, examinarei o que resta dentro de mim, pedaço a pedaço, investigando, pondo os elementos em ordem, à medida que atravesso o processo moroso de modelar tudo isto na forma narrativa. Não é o tipo de coisa que ganhe forma com facilidade.

Esta série de entrevistas foi publicada mensalmente no *Bungei Shunjun*, de Abril a Outubro de 1997, com o título *Pós-Underground*.